

ELAS ^{EM} CAMPO

DEZEMBRO, 2023



O PARAIBANO É DELAS

Transmissão do Campeonato Paraibano de 2023 contou com a presença apenas de mulheres na cobertura esportiva

UM POR CENTO DE SUA HISTÓRIA

Geovanna Teixeira é jornalista esportiva há 11 anos atuando na cobertura do esporte

FALTAM MULHERES E SOBRAM ASSÉDIOS

Elas precisam provar que entendem, sofrem assédio e ainda lidam com falta de oportunidades



GIRLS LOVE SPEED

Sua dose semanal de adrenalina



CARTA AO LEITOR

As mulheres já chegaram e conquistaram muitas coisas e locais, mas é engraçado que no país do futebol, nosso local de fala seja tão ridiculamente pequeno quando se trata do jornalismo esportivo. Se eu perguntasse na rua “Você consome jornalismo esportivo feito por mulheres?”, a resposta esmagadora seria um grande NÃO. Mas isso não é porque faltam profissionais no mercado ou que sejam especialistas no assunto, apenas não nos dão espaço, e quando esse espaço é conquistado, com ele vem os inúmeros questionamentos se somos competentes, se merecemos ou não chegar onde chegamos.

Isso não é um discurso vitimista, são fatos. Porque se falar sobre esportes, talvez você lembre logo de homens, sejam atletas, jornalistas ou torcedores. Mas no meio, querendo e conquistando seu espaço, existe nós. Existem mulheres que vibram com o futebol, basquete, vôlei, fórmula 1, boxe e tantos outros esportes,

atletas que conquistam medalhas e fazem história, e as jornalistas. Essas, assim como tantas outras, fizeram um trabalho de formiguinha para hoje, podermos ter uma voz.

Durante a Copa do Mundo 2022, usamos a “Elas em Campo” para um trabalho acadêmico, foi uma oportunidade de unir o jornalismo à nossa paixão. Sendo algo diferente da nossa abordagem inicial durante a copa, na revista queremos falar sobre nossa profissão, com foco nas jornalistas esportivas paraibanas. Nas próximas páginas você vai navegar pelo universo de profissionais que fizeram e fazem parte do jornalismo paraibano.

A Elas em Campo é para vocês, jornalistas que trabalham com o esportivo, para aqueles que querem conhecer ainda mais o trabalho dessas mulheres, mas principalmente, para as meninas que sonham com esse caminho. Continuem a sonhar, a desejar e correr atrás.

Tenha uma boa leitura!

Alberta Figueirêdo
Raiza Nota
Editoras

SUMÁRIO

INTERATIVO

CLIQUE NO NÚMERO E VÁ DIRETO PARA A PÁGINA

8. **POR TRÁS DE UM TIME, UMA ASSESSORA**
Muitas vezes o trabalho de uma mulher no esportivo vai muito além das transmissões em campo, na assessoria elas possuem um papel importante e essencial

14. **ELISA MARINHO: A VOZ DO ESPORTIVO NA RÁDIO TABAJARA**
Natural da cidade de Maceió, Alagoas, Elisa, que desde criança gosta e acompanha partidas esportivas, e há 13 anos faz carreira e história nas rádios da Paraíba

18. **Precisam provar que entende, sofrem assédio e ainda lidam com um espaço escasso**

22. **O PARAIBANO É DELAS**
Transmissão do Campeonato Paraibano de 2023 contou com a presença apenas de mulheres na cobertura esportiva

30. **PERPECTIVA DE MUDANÇA**

EXPEDIENTE

ELAS EM CAMPO

REVISTA DIGITAL DE EDIÇÃO ÚNICA SOBRE AS MULHERES DA CRÔNICA ESPORTIVA PARAIBANA.

ORIENTAÇÃO

ARÃO DE AZEVEDO

PROJETO GRÁFICO

ALBERTA FIGUEIRÊDO

ARTE DE CAPA

ARGEMIRO NETO

DIAGRAMAÇÃO

ALBERTA FIGUEIRÊDO

RAIZA MOTA

REPORTAGENS

ALBERTA FIGUEIRÊDO

RAIZA MOTA

CONATOS:

ALBERTA FIGUEIRÊDO- albertafigueiredos@gmail.com
(83) 99845-3855

RAIZA MOTA- raiza.mota2000@gmail.com
(83) 98139- 7626

ARGEMIRO NETO- (83) 98618-9449

PERFIL

Memórias, histórias e futebol

Por Alberta Figueirêdo

Larissa Keren é jornalista e ex-repórter, agora morando na Irlanda, lembra momentos de quando trabalhou com jornalismo esportivo na Paraíba e o vivenciou ao longo de sete anos no antigo GloboEsporte.com/PB

Muita gente pode falar que acompanha o site do GE Paraíba mas são poucos os que podem falar que viram o site ir ao ar pela primeira vez e ainda ter acompanhando os primeiros passos dele. E Larissa Keren, baiana, natural de Salvador e torcedora do Bahia, pode falar tudo isso. Ela se mudou para a Paraíba aos 17 anos, quando os pais receberam uma proposta de emprego em João Pessoa. A família é andarilha, mas tem base em Pernambuco e Paraíba, com isso, prestou vestibular para Campina Grande e passou.

Sempre gostou de esportes, boxe era uma das suas paixões e praticou natação por muitos anos, mas se você acredita que todos os estudantes já começam a graduação de jornalismo sabendo sua área, está enganado. Ela afirmava que não iria trabalhar com o esportivo, embora gostasse desse mundo.

Quando surgiu uma oportunidade para estagiar no Agora Esportes, ela foi atrás, mas não porque era sua área de afinidade, mas porque poderia escrever. “Foi mais pelo fato de querer escrever, eu queria pôr em prática tudo que estava aprendendo no jornalismo.”, mas logo Larissa entendeu que tudo na vida é cheia de surpresas: “No Agora Esportes eu poderia escrever e foi aí que eu me encontrei com jornalismo esportivo.”

O Globo Esporte Paraíba foi seu primeiro emprego logo após se formar na Universidade Estadual da Paraíba, e sendo parte da primeira formação do GE Paraíba, ela pôde ver o site ir ao ar pela primeira vez. Em edição especial aos 10 anos do GE PB, ela define o momento: “Acredito que estávamos todos tão ansiosos com o novo projeto, que, talvez, não tivéssemos

dimensão de quão importante nós seríamos para a valorização do esporte no estado”.

Esteve presente em diversos momentos marcantes do futebol paraibano, para ela, a conquista do Campinense pela Copa Nordeste, em 2013, foi um das primeiras grandes coberturas do site, tanto que uma parte da equipe de João Pessoa, veio para Campina Grande ajudar, inclusive ela. E logo após o Botafogo-PB foi campeão da série D do Brasileiro. “Aquele ano ali foi muito marcante para mim porque eu consegui trabalhar em grandes eventos fazendo jornalismo, de cobrir uma final de Copa do Nordeste, uma final de Brasileiro.”, pontua ela e continua “Eu não estava na transmissão, mas estava na equipe do globoesporte.com e todo o esquema que fizemos para cobrir esses dois momentos para mim, foi importantíssimo. Se tem uma coisa que eu posso pontuar para você, é que se me perguntar “Se arrependeu de fazer isso?”. Não, ainda bem que eu estava nesses dois momentos da final da Copa do Nordeste e na final da série D.”

Assim como momentos marcantes, tiveram desafios ainda mais marcantes. “Meu maior desafio foi tentar me estabelecer em uma área que é muito machista... Eles não vão entender as nossas pautas, o que é interessante e esse meio de jornalismo esportivo é muito de futebol e eu não sou uma pessoa tão do futebol.”, além desses desafios, pequenas agressões, ser constantemente colocada de lado e em pautas não tão interessantes fazem esse meio ser desgastantes para as mulheres. “Isso meio que foi me fazendo ficar assim meio desanimado, sabe, dos processos e também das pequenas micro agressões que

a gente sofre, que para os caras não é nada demais, mas quando você vai juntando você entende que aquilo ali não foi legal.”

“Homens vão querer escrever para homens”

Larissa Keren - Jornalista

Mulheres provam o tempo todo que podem entender e falar de esportes, e Larissa viveu bem isso em sua época de jornalismo esportivo. “Até mesmo dentro da sua própria equipe tendo que provar que sabe, fora dela também quando vai fazer matérias, vai falar com jogador, com técnico, com relação a isso você prova o tempo inteiro.”, e continua, em tom de desabafo: “Eu lembro uma vez com Marcelo Villar, na época do Botafogo-PB, que ele me deu um corte porque eu estava tentando mostrar que sabia, né? Eu falei sobre o esquema tático dele, ele me deu um corte assim do nada, sabe, para dizer que não sabia de nada porque discordei dele, mas enfim, isso acontecia eu tinha que ter jogo de cintura”.

Como uma forma de se proteger, ela adotou a tática de fazer cara feia, ou de poucos amigos, como dizem, para não criar falsas impressões. As vezes isso não funcionava e aqui eu poderia escrever sobre inúmeros momentos da trajetória de Larissa Keren em que ela presenciou e sentiu na pele, por ser uma vertente muito machista, mas em entrevista ao *Elas em Campo*, Larissa relembra dois momentos em específicos. “Uma vez fui entrevistar Fábio Bilica (ex-jogador com passagens pelo Grêmio, Fenerbahçe e seleção olímpica do Brasil) e ele ficou interrompendo a entrevista para ficar dando em cima, perguntando se eu tinha namorado e no final ainda me ofereceu carona, que eu não aceitei. Então dias depois estourou o caso que ele tinha estuprado uma mulher que ofereceu carona para Recife.”.

Outro caso contado por ela, foi em relação ao secretário de Esportes falou um valor exorbitante para o orçamento do próximo ano “Eu fiz a matéria puxando pelo valor, mas foi um erro dele. Ele se atrapalhou com os números, era o caso de um investimento de 500 mil e disse que era de 5 milhões. Ele ficou tentando entrar em contato diretamente comigo ao invés de ligar para a redação, mas não tinha meu número. Então quando eu estava fazendo a cobertura de um jogo, um dos repórteres em campo me passou o telefone dizendo que o secretário queria falar comigo. Eu atendi e

ele começou a ser bem ríspido comigo e dizer que eu era maldosa. Eu novamente, com fogo nas ‘ventas’, disse que foi o que ele disse, porque eu tinha gravado a entrevista. Que se foi um erro dele, eu poderia fazer a errata tranquilamente, mas a entrevista estava gravada e eu poderia mandar o áudio. Aí ele amansou.”

Arquivo pessoal



Larissa Keren atualmente mora na Irlanda

“O jornalismo esportivo é um lugar muito machista, um lugar de homens feito basicamente para homens”

Larissa Keren - Jornalista

Larissa se mudou para a Dublin, na Irlanda, para fazer uma pós-graduação em Administração, não trabalha com jornalismo “É muito difícil assim pra gente que vem de outra língua escrever e pegar todo o escrever jornalístico no inglês, sendo que você não é nativa. Então eu optei por ir para uma outra área.”. Hoje, ela não se vê voltando ao Brasil para trabalhar com o jornalismo ou com a área de esportes. “Eu não sei se eu quero voltar para área de esporte, foi uma área que eu fui muito feliz trabalhando, mas foi uma área também que eu tive algumas desilusões. A Larissa de hoje não sabe se quer voltar a trabalhar com o esporte ou jornalismo do Brasil.”.

GALERIA DE MEMÓRIAS LARISSA KEREN

Clique nas miniaturas e reviva memórias

Momentos importantes e marcantes da carreira de Larissa Keren no *GE Paraíba*

Por trás de um time, uma assessora

Muitas vezes o trabalho de uma mulher no esportivo vai muito além das transmissões em campo, na assessoria elas possuem um papel importante e essencial

Por Alberta Figueirêdo

Wanessa Soares, corinthiana roxa e estudante de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, sempre teve o jornalismo esportivo como sua área de atuação e paixão. Como graduanda já participou do time de futsal da UEPB, cobriu alguns campeonatos como a final do paraibano em 2022 pela emissora de rádio Rede Primeiro Minuto e ainda permanece na área do esportivo, agora como assessora do time de futebol Serra Branca Esporte Clube, além de ter sido a primeira mulher a participar do programa Ita Futebol Clube da Rede Ita, como comentarista esportiva.

Fotografia: Alberta Figueirêdo



Elas em Campo- Qual foi sua maior inspiração durante sua graduação para escolher o jornalismo esportivo como área de trabalho?

Wanessa Soares - Eu sempre tive receio, então uma das pessoas foi a Ana Flávia Nóbrega. Quando comecei a acompanhar ela, foi onde tomei coragem de "dar a cara a tapa". Porque pelo menos na minha época do curso, uma das coisas que mais escutava era que o jornalismo esportivo é totalmente deixado de lado ou exclusivamente de homem. Isso já em 2016/2017. Então quando comecei a conhecer Ana Flávia, o trabalho dela, foi que tive inspiração total para começar realmente a tomar iniciativa para o jornalismo esportivo.

Elas em Campo- Qual sua visão referente a opinião da sociedade sobre a entrada das mulheres em um mundo basicamente dominado por homens?

Wanessa Soares - É muito preconceituosa. Inclusive, agora como assessora do Serra Branca, que é um time novo, vai fazer um ano ainda, passei por uma situação de escutar de jogadores e torcedores, não daqui de Campina mas de João Pessoa, que era para eu trabalhar. Como se eu já não estivesse trabalhando. Soltando piada, sempre desvalorizando. Então tem muito torcedor que se você critica alguma coisa, vão atacar você. Principalmente na rede social Twitter. É onde você mais recebe ataques, é desacreditada, sua opinião não importa. Mas se for de um homem, ele pode falar a mesma coisa, a diferença é que o dele vai ser validado, o meu não. É difícil para uma mulher que quer o jornalismo esportivo, que quer trabalhar com esporte. Porque ela tem que entender que vai passar muita coisa e o preconceito pelo fato de você ser mulher, é o maior. Você lida constantemente com gente achando que pelo fato de ser mulher, não sabe sobre esportes.

EC- Quais são os maiores desafios como atuante no jornalismo esportivo além do preconceito?

WS - O esporte aqui na Paraíba é extremamente desvalorizado, não é que nem você vai para cidades grandes como Rio de Janeiro ou São Paulo, que tem uma oportunidade mil vezes maior para ingressar no mercado de trabalho. Aqui é muito escasso, se você ver, são

poucas mulheres aqui que trabalham no esportivo, porque é totalmente desvalorizado. Tiramos pelos times que não estão disputando uma série C, uma série D, o pessoal fica o resto do ano sem trabalhar dentro desses times, não se vê uma oportunidade.

EC- Já passou por alguma situação de extremo incômodo?

WS - Houve uma situação no jogo entre Serra Branca e o Botafogo de João Pessoa. Existe um colete específico para assessor de imprensa mas em Campina e em João Pessoa não tem, usamos o normal de rádio e tv. Então escutei de jogador que era para eu trabalhar, que estava incentivando o time, era como se estivesse apenas torcendo. Até onde eu sei, quando assessora um time, você defende aquilo que trabalha. Depois escrevi um post no Twitter e alguns torcedores começaram a me atacar falando que eu estava como jornalista, sendo que eu não estava. Então fiz o questionamento que os assessores homens ninguém reclama e aí só por que eu sou mulher não posso?

Você lida constantemente com gente achando que pelo fato de ser mulher, não sabe sobre esportes.

Wanessa Soares
Assessora do Serra Branca

EC- É visto de forma positiva seu reconhecimento de trabalho com seus colegas?

WS - Sim, graças a Deus os amigos que estudaram comigo me incentivam bastante, no Serra Branca sou literalmente a única mulher então eu trabalho 100% em um espaço só com homens, mas o pessoal de lá me incentiva muito como assessora e também acabo aparecendo no instagram, então eu fui aprendendo se você for pegar o começo, o primeiro até o último vídeo já é uma outra Wanessa, uma outra pessoa. E por incrível que pareça alguns colegas de profissão de outros clubes também acabam dando apoio e falando bem, chega da um animo.



Foto: Reprodução Pessoal

PERFIL

Um por cento de sua história

Jornalista esportiva há 11 anos. Começou seu sonho de seguir no jornalismo cedo, seguiu no caminho mesmo em meio aos desafios de ser mulher no esportivo, e foi aos poucos conquistando seu espaço na comunicação paraibana. Conheça a trajetória profissional de Geovanna Teixeira

Por Raiza Mota

Aos 16 anos não é esperado que você saiba o que quer no futuro, que tenha metas traçadas e a cabeça erguida para enfrentar os medos, ou até as inseguranças. Mas Geovanna Teixeira sempre soube que seria jornalista. Aos 16, ainda no ensino médio, deu seus primeiros passos dentro do mundo esportivo. Sentindo que faltava algo nesse meio, principalmente a falta de uma voz feminina nos conteúdos de esporte e durante os jogos, decide mandar propostas ao Netvasco, site que traz notícias sobre o Clube de Regatas Vasco da Gama. Com um retorno rápido do veículo, ela convidou outras mulheres e acabaram criando um blog, permanecendo por quatro anos com os conteúdos, que lhe abriram muitas portas.

Geovanna já fez estágio voluntário na assessoria de dois grandes clubes: o Campinense Clube e o Treze Futebol Clube, ambos de Campina Grande, Paraíba. Geovanna é formada em jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. Já ganhou prêmio nacional com o Craque do Futuro, premiação que concedia aos alunos de jornalismo uma semana de estágio nas redações do Lance! no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Engravidou durante a graduação mas isso não a limitou de forma alguma, continuou o curso, fazendo estágios e cuidando do bebê. Hoje, Geovanna, mora em Campina Grande, é jornalista esportiva, mestre em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, possui MBA em Produção de Conteúdos para Mídias Digitais e é pós-graduada em Telejornalismo.

Mesmo começando cedo na área que iria se formar, ter uma mulher em um espaço dominado por homens, traria seus desafios, e a falta de oportunidades, na visão de Geovanna, é o principal. A escassez de trabalho, principalmente na Paraíba, em veículos como sites, rádios e TVs é um caminho longo para ser revertido, e além da falta de oportunidades, o fato de ter que provar que

o assunto também se torna um ponto. *“Para homem é mais fácil, as oportunidades surgem mais. Eu tive que mostrar que entendia, que sabia, no começo foi muito difícil mas quando se faz um trabalho sério, as portas vão se abrindo.”*, lembra a jornalista.

Além do futebol, Geovanna tem uma relação forte com o basquete e o fato de ser mulher na modalidade não torna o ambiente mais fácil ou tranquilo. Para ela, a questão está diretamente relacionada ao público que acompanha e consome o material. A presença de mulheres narrando e fazendo reportagens é mais receptiva para esse público, pois é até uma prática que ocorre a mais tempo, diferente do que ocorre no futebol. *“Há um estranhamento porque por muito tempo as mulheres não tinham espaço no futebol e já há alguns anos vem se abrindo portas com narradores, apresentadores e comentaristas”*, comenta ela, que continua: *“O futebol ainda vai chegar nesse nível, pode demorar alguns anos mas se encaminha para isso.”*

Já no final da graduação, teve uma matéria sobre o Basquete Unifacisa, time da instituição Facisa, que atualmente disputa o NBB, Novo Basquete Brasil, e que foi parar na home do Globo Esporte. *“Foi uma matéria que mudou completamente meu rumo profissional”*, comenta, *“E de alguma maneira o NBB me notou e me chamaram para fazer parte do time de repórteres que estavam com eles na temporada de 2019 e 2020, cobrindo o Basquete Unifacisa”*.

Ao longo do tempo, Geovanna foi deixando seu nome na comunicação paraibana, principalmente no basquete, modalidade que cresce cada vez mais no estado. Porém não parou por aí, e como projeto pessoal, durante a pandemia criou o Desportistas, que traz a comunicação esportiva em forma de curiosidades, estando presente nas redes sociais TikTok e Instagram.

Contrariedades e realidades da representatividade das mulheres na tv

O olhar para a competência é o diferencial na maioria das empresas de comunicação, deixando o preconceito sem espaço

Por Raiza Mota

Ver uma mulher ocupando um ambiente nas emissoras paraibanas ligada ao jornalismo esportivo é uma grande conquista, e com relação a esses espaços, Anchieta Araújo, apresentador e diretor de jornalismo da Rede Ita, vê a inserção de mulheres com bons olhos, seja apresentando programas esportivos ou participando de debates, além de transmissões. Mesmo que na Rede Ita ainda não exista uma mulher a frente de um programa esportivo, Anchieta diz que é existente um projeto para revezar os apresentadores com a inclusão feminina, e cita que antes de 2022 não tinha programas de debate como o ITA FC mas que a jornalista Mônica Victor de forma esporádica chegou a apresentar o antigo Itararé Esportes.

Já na Rede Paraíba, neste ano de 2023, o espaço feminino foi estendido, contando com a diversidade a emissora marcou um golaço ao divulgar a estreia da repórter Izabel Rodrigues como narradora e a comentarista Juliana Bandeira com a mesma função, além disso vale salientar que a emissora conta com a comentarista Dani Fachine e a repórter Beatriz Freire em sua equipe. Expedito Madruga, coordenador de esportes da Rede Paraíba de Comunicação, nos fala que para se sobressair nesse ramo mesmo diante do escasso número de mulheres nesse espaço é necessário que se tenha quantidade,

quanto mais mulheres se inscrevendo nos estúdios, brigando pela oferta de emprego é melhor, mas como tudo é um processo, é necessário que você brigue e mostre todo seu conhecimento para servir de exemplo, para que assim não se escute um “só podia ser mulher”. Ele ainda tem a expectativa de que a nova geração que está por vir venha quebrar barreiras e faz alusão a equipe feminina da emissora que dão bem conta do recado com um espetacular profissionalismo.

Para Magdonia Alves, gerente de jornalismo da Tv Borborema, o seu olhar para a inserção das mulheres no meio intitulado por homens é de grande conquista, mesmo ouvindo pela sociedade desde da sua infância à vida adulta

“É uma questão cultural. Ainda vemos o menino ganhando uma bola de presente, e a menina, uma boneca, durante anos incentivamos o menino a gostar e entender de futebol, as meninas, em sua maioria, ficam à margem desse processo. Aí, lá na frente, como exigir que elas tenham a mesma vivência?”

EXPEDITO MADRUGA - COORDENADOR DE ESPORTES DA REDE PARAÍBA



Think OLGA.
Campanha Chega de fiufiu

que “Futebol é coisa de homem”, ela menciona que é a competência delas que fazem toda a diferença na hora da construção do trabalho jornalístico. De fato, o que se espera realmente é que o espaço para elas sejam criados, tanto na Rede Ita como na Tv Borborema ainda não temos uma real presença de figura feminina nos programas ligado ao esporte, e esse cenário pretende ser mudado e se espera por isso diante a empolgação dos entrevistados em suas falas com relação ao assunto.

Embora toda a positividade, os assédios não param diante a realidade, o campo que se enfrenta diante os casos são minado, constantemente matérias são divulgadas e ações repugnantes são vistas durante as transmissões.

Em uma entrevista ao Elas em Campo, a repórter do núcleo esportivo da TV Cabo Branco, Beatriz Freire, comenta um episódio sofrido, quando ainda trabalha na TV Belo ligada ao time Botafogo-PB, em sua primeira transmissão em Parnamirim no jogo América-RN x Botafogo-PB durante sua entrevista ao técnico do clube ao qual ela trabalhava a torcida adversária em uma só voz emitiu a frase “Repórter Gostosa”, para não perder sua passagem de ao vivo Beatriz chegou no momento a tentar imaginar que não era com ela, mas casos como esses são constantes.

Como coordenador de esporte da Rede Paraíba, Expedito tem como princípio a fiscalização para que determinadas ações não venham acontecer com as mulheres, e elas tenham a mesma tranquilidade historicamente de um homem para desenvolver seu trabalho.

Segunda mulher a presidir à federação de

futebol Paraibana e do Brasil, a advogada e administradora de empresas Michelle Ramalho foi bem rigorosa nos casos de assédios que aconteceram durante sua gestão, como passagem temos o caso envolvendo a árbitra Ruthyana Camila pelo Paraibano betino 2023. Ruthyana sofreu ofensas de Tiago Bob do Auto Esporte-PB além de repudiar a ação, Michelle também deixou claro que a mulher tem que ser respeitada e que o futebol é um processo de inclusão.

Com relação aos atos contra os assédios, englobando todas as mulheres independente da área em seu trabalho que ela segue, as organizações Think Olga e Think Eva lançaram em 2013 uma campanha de combate ao assédio sexual em espaço público, a “Chega de Fiu Fiu” chegou até virar um documentário lançado em 2018 sendo o desdobramento da campanha, o documentário mostra a participação das mulheres nos espaços públicos sinalizados por uma série de violências além de excogitar as modificações dos movimentos feministas entre os períodos entre 2014 à 2017 que os homens e mulheres tiveram nas ruas e na internet.

“Muitas mulheres em atividade no jornalismo esportivo já provaram que não há diferença quanto a capacidade”

ANCHIETA ARAÚJO - APRESENTADOR E DIRETOR DE JORNALISMO DA REDE ITA



PERFIL

Elisa Marinho: a voz do esportivo na rádio Tabajara

Natural da cidade de Maceió, Alagoas, Elisa, que desde criança gosta e acompanha partidas esportivas, e há 13 anos faz carreira e história nas rádios da Paraíba

Por Alberta Figueirêdo

Elisa Marinho. Uma voz inconfundível e que, principalmente, se você for daqueles que ainda é fiel ao futebol pela narração do rádio, já ouviu por aí. Como já trabalhava com comunicação, lá em 2010, buscou uma faculdade que fizesse sentido no seu meio, a escolha mais óbvia na época era o curso de Rádio e TV, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, em João Pessoa, mas por questões financeiras, estava fora de opção para ela. Buscou então, outras opções, fez o Enem, e com a nota, conseguiu entrar no curso de Publicidade e Propaganda, em uma universidade particular e em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande, curso que acabou escolhendo.

Com 13 anos de experiência com o rádio, Elisa já enfrentou inúmeros desafios, e destaca o fato de fazer coisas que só tinha visto até então pela tv ou ouvido na rádio, como reportagens de pistas, comentários e narração. "A prepara-

ção para cada uma dessas funções é diferente e exige muito do profissional que leva a sério o que faz. Além disso, o novo sempre assusta, até você se sentir confortável fazendo aquilo leva um tempo.", comenta. Se hoje respira o jornalismo esportivo, durante a graduação nem sonhava com isso, mas como gostava e acompanhava sobre esportes, o destino resolveu unir o útil ao agradável. " Não pensava durante a graduação, mas quando terminei foi a primeira coisa que decidi: quero trabalhar com jornalismo esportivo.", relembra ela.

Com essa decisão, vieram ainda mais desafios, por ser mulher em um meio masculino, precisava sempre provar que merecia estar ocupando aquele espaço. "O tempo inteiro a gente tem que mostrar que sabe, porque no fim todos presumem que não, mas depois que você conquista isso fica um pouco mais fácil.", e continua, "É um lugar conquistado com muito esforço, porque inconscientemente ou cons-

cientemente, muitos acham que aquele espaço não deveria ser ocupado por uma mulher, então é preciso provar diariamente que sim". Hoje ela não precisa mais provar que sabe, não é necessário explicar o que é um escanteio mas era rotineiro antes.



“Estamos todos num processo de adaptação auditiva, nos acostumando a ouvir mulheres narrando.”

cientemente, muitos acham que aquele espaço não deveria ser ocupado por uma mulher, então é preciso provar diariamente que sabe, não é necessário explicar o que é um escanteio mas era rotineiro antes.

Mesmo com os momentos chatos, existem aqueles marcantes, e para a jornalista não é diferente. Sua primeira final do Campeonato Paraibano Masculino, foi algo emocionalmente, pois acreditava que o sonho de trabalhar com o jornalismo esportivo não ia mais acontecer: "Então quando eu me vi trabalhando na final da principal competição do estado, com dois grandes clubes da Paraíba, Campinense e Botafogo, estádio cheio e você ali de per-

to vendo tudo, foi incrível". Elisa foi uma das primeiras narradoras de futebol na rádio paraibana, fazendo sua estreia na final do paraibano feminino em 2021 e são jogos que ela lembra com carinho, porque o futebol feminino sendo colocado em locais sem estrutura para a imprensa, o que a fazia acompanhar os jogos em pé ou sentada no chão. "Os jogos de futebol feminino sempre me emocionam... Foi muito emocionante ver a história da modalidade acontecendo, porque o VF4 que tinha acabado de surgir tirou a hegemonia do Botafogo que buscava o sétimo título. Nos pênaltis, com uma zagueira no gol, o VF4 ganhou. E agora também, já em 2023, ver o Mixto sendo campeão do Feminino pela primeira vez, depois de ser vice três vezes."

Para ela, de todas as funções do jornalismo, narrar é a mais difícil, e a compara com ser um motorista do carro, porque todo mundo vai de acordo com seu comando. "Foi o meu maior desafio profissional, o mais assustador, mas tentei me preparar ao máximo. Treinei bastante antes, muitos exercícios de dicção, de ritmo, tentei criar estratégias para decorar os nomes dos jogadores e ouvi muitos outros narradores e narradoras para me inspirar.", explica, para ela, a recepção do público foi normal, a mesma que teve, e diz que é um processo: "A primeira vez nunca é 100%, tenho consciência disso e sei lidar bem com essa questão, até porque se alguém chegasse dizendo que foi ótimo, eu não acreditaria."

No jornalismo esportivo nem tudo é futebol, outros esportes chamam atenção do público, como o futebol americano. Aqui na Paraíba talvez ele não tenha o mesmo peso que o futebol e o basquete, mas vem conquistando cada vez mais seu espaço, e para Elisa, cobrir uma nova modalidade é sempre um desafio mas dos bons. "Embora acompanhe majoritariamente futebol, eu amo ver outras modalidades. Mas foi uma função diferente, que demanda uma preparação específica. Primeiro aprender as regras da modalidade, entender que era uma transmissão em vídeo, então requer outros tipos de informações, diferente das que trago no rádio."

Ela ainda sente falta de outras mulheres nas coberturas, às vezes é um lugar meio solitário. " Quando chego aos jogos e percebo que muitas vezes só tem eu de mulher, fico triste.", o cenário para as mulheres na Paraíba e em âmbito nacional aos poucos está mudando, e isso dá uma sensação de estar no caminho certo, "Assim como fico imensamente feliz quando chego e encontro outras companheiras nesse espaço. Tenho esperança de que um dia isso será constante."



GABRYELE DURANTE O LANÇAMENTO DA REVISTA O MEIO SÉCULO

Arquivo pessoal

DESCONSTRUINDO PADRÕES AINDA NA GRADUAÇÃO

As contrariedades e vontades de mulheres ainda durante sua formação no campo do jornalismo esportivo

Por Raiza Mota

Durante a graduação, os estudantes passam por muitas fases de dúvidas, são frequentes as mudanças de áreas que se pretende seguir em determinado curso. É justo que as posições e visões adotadas durante essa fase tenham uma parcela pelos olhares da sociedade, e diante desses olhares na área de jornalismo, podemos ver que as mulheres são minorias na editorias dos esportes.

As graduandas de jornalismo Élide Matos

do oitavo período e Gabryele Martins do sexto período,, comentam sobre a área do esportivo, e citam o futebol como o ponto norteador para o interesse pelo ramo do jornalismo esportivo.

Para Gabryele a falta de uma mulher é sentida, trazendo uma visão feminina que vá além da tática da prática do esporte, mas que também se ligue às causas sociais. O gosto pelas narradoras, e a sua função exercida com peso na comparação aos



ANA BEATRIZ DURANTE SEU ESTÁGIO DA UEPB



ÉLIDA NA ARENA PERNAMBUCO-PE



LETÍCIA DURANTE A CADEIRA DE FOTJORNALISMO

homens, fazem com que as duas admirem e de certa forma tenham elas como inspiração.

O atual cenário faz com que os telespectadores cheguem á afirmar que “mulher não combina com a narração do esporte”, comentários como esse através das redes sociais, desencadeiam também ofensas. Por outro lado, temos fatos marcantes associados à função de narradora, como o caso de Renata Silveira que foi a primeira mulher a narrar um jogo em tv aberta brasileira. Analogamente é uma espada de dois gumes o fato de ter mulheres ligadas ao esportivo, onde às vezes pesa seus feitos e outras seus apontamentos por estarem nesse lugar.

Com a opção de seguir no jornalismo esportivo, a veterana Ana Beatriz Lopes que tende a acompanhar o vôlei cita nessa modalidade à falta da presença de mulheres treinadoras, principalmente na seleção adulta, ela ainda cita o fato de apenas a seleção do Canadá ter em sua preparação uma figura feminina como treinadora, assim como sua amiga de curso Letícia Costa, Beatriz também acompanha Fórmula 1, as duas tem como inspiração a jornalista Mariana Becker. Letícia ainda comenta que apesar de ser mista a categoria do automobilismo não é existente uma mulher pilotando carros nesse meio, e que apenas 10 mulheres conseguiram esse feito durante os 73 anos de F1.

De acordo com Gabryele que já está caminhando profissionalmente dentro do esportivo, não há nada que motive as

mulheres a ficarem nesse ramo, por conta dos preconceitos e a dificuldade para entrar nesse campo, ela ainda diz que ou você foca e vai em cima, e sofre com isso ou você acaba desistindo.

Da mesma forma pensa Élide que faz estágio na Rede Ita, para ela a nível local as mudanças estão ocorrendo de forma lenta, mesmo ainda não trabalhando diretamente com o jornalismo esportivo ela cita sua tensão a não ver tantas jornalistas repórteres nesse meio, a restrição para homens faz com o que o medo de encarar da forma que Gabryele disse dê um certo trave nela, mas mesmo assim de certa forma ela pretende fazer sua carreira nessa área.

Já para Letícia Costa fazer a cobertura de uma corrida de fórmula 1 atualmente é um sonho muito distante, fora da realidade por ser mulher e nordestina, mas que seria algo desafiador e maravilhoso caso aparecesse uma oportunidade.

Comentários como: “Você sabe o que é um escanteio?”, “Só acompanha Fórmula 1 para ver pilotos bonitos”, entre outros se tornam frases de rotinas, os erros cometidos por mulheres são mais comentados, e mesmo com seus altos conhecimentos, elas são colocadas a prova dentro ou fora de uma graduação, porém não serão esses olhares de invalidez, que farão com que as futuras jornalistas que são fascinadas no ramo do esportivo desistam, é durante sua graduação que as meninas começam o trabalho de desconstrução das opiniões negativas.

FALTAM MULHERES E SOBRAM ASSÉDIOS

Precisam provar que entende, sofrem assédio e ainda lidam com um espaço escasso

Por Raiza Mota

“Quando nós mulheres conseguimos alguma coisa, alguma conquista é como se os homens que fazem parte da equipe, fazem parte da direção, da empresa do gênero, eles acabam puxando pra si esse feito, é como se não tivesse acontecendo por que nós somos capazes de ocupar aquele espaço, de atender todas as demandas possíveis,” pontua a repórter Ana Flávia Nóbrega, mestra em comunicação e atualmente assessora parlamentar de comunicação.

O mérito por seus feitos é pouco reconhecido, mesmo sendo um caminho difícil a percorrer, mulheres estão fazendo feitos no jornalismo esportivo. Nacionalmente podemos citar a narradora Renata Silveira, primeira mulher a ocupar uma função como essa. No caso da Paraíba, podemos citar Ana Flávia Nóbrega, primeira mulher a participar de uma transmissão cem por cento feminina no rádio paraibano, junto com Elisa Marinho na narração, Helena Gomes na reportagem e Romana Ramalho nas redes sociais. O feito se deve a iniciativa da Rádio Tabajara.

Mesmo com os avanços pequenos à vista da sociedade masculina, mas grande ao ponto de vista das mulheres, Ana Flávia possui consigo um sentimento minoritário, seja

nas redações ou em transmissões esportivas, ela compara o espaço feminino nos veículos de comunicação como uma cota, na qual os veículos inserem mulheres para alegarem que eles são diversos, sua capacidade ou conhecimento não são bem observados, em sua opinião o que importa mesmo nesse meio é sobre a bandeira que vai ser levantada sobre a questão de diversidade, por terem mulheres em um espaço co-denominado masculino.

Além do pouco reconhecimento, ser mulher nesse meio requer que você prove do assunto, as cobranças são maiores e qualquer erro que você venha cometer torna proporções desiguais a um erro de um homem. É como se a mulher não tivesse o direito de errar, é como se o determinado assunto ligado ao esporte fosse só de conhecimento de homens, fazendo com que elas “testem” que também conhecem.

“Eu consigo ainda enxergar que a gente vai ter uma virada de chave de fato, que não vamos mais precisar estar debatendo essas coisas, que a gente vai conseguir chegar em um momento igualitário onde mulheres são respeitadas pelo trabalho dela, sem serem questionadas, se elas sabem, se elas entendem, se elas deveriam ou não estar ali,” destacou a repórter.

ANA FLÁVIA COMO REPÓRTER NA COPA DO NORDESTE DE 2021, AMIGÃO

Ademais, não podemos deixar de falar dos assédios sofridos pelas repórteres nas transmissões. Casos envolvendo jogadores, ou torcedores são frequentes. Vemos esses atos no beijo roubado que um torcedor tenta dar em uma repórter durante suas chamadas, como no agito da torcida enquanto passam as informações, elas chegam até mesmo serem apalçadas sem sua permissão. O machismo se manifesta dessa forma, como também agressivamente, que foi o caso que infelizmente acabou acontecendo em um episódio com Ana Flávia. Torcedora do campinense desde de



Foto: Rafael Costa

“Eu sempre tive na cabeça que os meus atos não eram só pra mim, eu estava ocupando aquele espaço para que mais mulheres pudessem ocupar esse espaço também, então eu precisava não estar jogada no ringue, eu precisava agir e foi isso que eu fiz.”

ANA FLÁVIA – REPÓRTER

foi uma noite preponderante para que ela trocasse de área de atuação. Mesmo sem nenhuma responsabilidade pelo que aconteceu durante o jogo, apenas exercendo sua função de repórter, ela recebeu vários comentários ofensivos, ameaças de violência físicas de jogadores e dirigentes comentários ofensivos foram feitos a seu respeito, apenas por postar em uma das suas redes sociais um momento com seu pai envolvendo o Campinense, e sua maior exaltação foi o fato de que seus colegas homens de trabalho quando não estão em seu trabalho, frequentam os estádios e tudo o que é dito por eles tornam-se válidos menosprezando o seu torcer, ação essa que desigualam das mulheres.

É claro que legalmente existe uma legislação que aborda as questões de assédios. Larissa de Oliveira Moura, advogada da OAB da Paraíba nos aponta a lei nº 14.457/2022, em vigor desde setembro de 2022, que instituiu o Programa Emprega + Mulheres e trouxe importantes alterações à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com o fim de garantir não só que o mercado seja mais inclusivo e atento à mulher, mas também que o ambiente de trabalho se faça equânime e seguro também no artigo 23, é estabelecido medidas a serem adotadas para a prevenção e combate ao assédio sexual e outras formas de violência do âmbito do trabalho.

Além de tudo que foi cita-

do, as mulheres também tem que lidar com a diferença salarial e a falta de tempo com uma dupla jornada, tendo em vista que muitas delas, além do trabalho profissional, tem que dar conta também do trabalho secundário, envolvendo casa e filhos.

Sobre esse exposto, a advogada Larissa cita a lei 14.611 de 2023, aprovada pelo Senado em 1º de junho, que regulamenta a obrigatoriedade de igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens. A referida Lei preconiza estabelecer a equiparação salarial entre homens e mulheres por meio do incremento da fiscalização, transparência sobre salários e aumento de multas às empresas em caso de descumprimento do disposto na legislação.

Em síntese, a participação feminina na mídia esportiva ainda é uma ação lenta, mesmo diante dos marcos, essa lentidão não é por conta da competência feminina mas sim por falta de oportunidades e de vontade das mulheres permanecerem nessa área após atos de assédio, imposição de padrão estético, discriminação entre outros, como foi o fato que aconteceu com Ana Flávia, que após o ato que sofreu, decidiu ir para o jornalismo esportivo. Mudanças nos causam estranhamento, desconfiança mas vivemos em total mudança, e a mudança abrangendo também o mundo feminino para o esporte, em igualdade de condições é apenas mais uma transformação vital.



LARISSA MOURA - ADVOGADA

Arquivo pessoal

Michele Wadja: a pernambucana que se encantou pelas Copas do Mundo

Professora, repórter, âncora e correspondente internacional. Michele uniu o útil ao agradável em suas experiências internacionais.

Por Alberta Figueirêdo

Michele Wadja é jornalista pela Universidade Estadual da Paraíba, onde atualmente é professora substituta no curso de jornalismo. Trabalhou como repórter e apresentadora nas Afiliadas da Globo no Nordeste (TV Asa Branca, em Caruaru-PE e TV Paraíba em Campina Grande-PB). Já cobriu eventos esportivos internacionais como Copa do Rei, Campeonato Espanhol e Liga dos Campeões. É veterana na cobertura de Copas do Mundo, ao todo foram quatro, Alemanha (2006), África do Sul (2010), Rússia (2018) e Catar (2022) e na Copa do Mundo do Brasil, esteve responsável pelo projeto “Pedhuá - o Som do Brasil na Copa”, sendo algo totalmente diferente do que estava acostumada.

Elas em Campo - Como surgiu o jornalismo para você?

Michele Wadja - Desde criança brincava muito de fazer filmes, de ser jornalista também, apresentar o Jornal Hoje, a Leda Nagle apresentadora da época, eu ficava brincando de imitar a Leda. Já adolescente, eu queria ser escritora, gostava de escrever na verdade, depois eu entendi que algo que se aproximava, que chegava mais próximo a escrever, de trabalhar construindo histórias e contando histórias, era o jornalismo. Acho que vem daí a vontade, essa coisa da brincadeira até entender que é profissão, foi quando eu decidi isso, vou fazer jornalismo.

Elas em Campo - Quando começou o jornalismo esportivo pra você?

Michele Wadja - No esportivo já começou na TV Asa Branca quando fiz estágio, depois fui contratada e lá cobrimos o Campeonato Pernambucano, então fiz várias reportagens de esportes, futebol principalmente. Atuava como repórter generalista igual todo mundo, mas gostava de esportes e muitas vezes ia para essas reportagens porque era uma das meninas que se identificavam e também entendia por gostar e aí eu acho que começou ali começou em Caruaru.

EC - E como foi a decisão de ser correspondente internacional?

MW - Em 2005 eu pedi demissão da TV para estudar fora. Fiz uma especialização em Barcelona, na Espanha, e nesse período eu fiquei sabendo que a emissora de rádio de Caruaru, a Rádio Liberdade Caruaru, ia para a Copa do Mundo da Alemanha. E eu liguei para o diretor da rádio na época e falei “Olha estou indo para lá, vou estudar, se você tiver interesse eu posso ajudar vocês na Copa da Alemanha, porque sei falar alemão.”. E foi ele na verdade, que sugeriu fazer um pré copa, pra já ir man-



Foto: Reprodução Pessoal



Michele Wajda na Copa do mundo 2022, no Catar

dando notícias como correspondente, cobrindo os jogadores brasileiros que estavam no Barcelona, e era um período em que Ronaldinho Gaúcho tinha conquistado duas vezes o Prêmio de Melhor do Mundo. Então todo mundo queria ter notícias dos brasileiros do Barcelona, em especial de Ronaldinho. Eu aproveitei e fiz uma série de reportagens sobre as cidades sedes, vendi para emissoras aqui no Brasil e na Espanha, e usei como meu trabalho final de curso.

EC - Já teve que provar em algum momento que entendia de esportes?

MW - Infelizmente sim, acho que hoje nem tanto mas no passado muito mais, né? As pessoas fazem perguntas que não fazem a um homem. Um homem diz “Eu gosto de futebol”, você não pergunta se ele sabe o que é impedimento e se você é mulher, é testada, as pessoas querem saber se você sabe mesmo, como se fosse uma coisa extraordinária lembrar o nome de duas pessoas, lembrar de regras. Você nem precisa ser um especialista porque não tem pós-graduação em impedimento para só algumas pessoas terem direito, entendeu?

EC - Cobrir uma copa do mundo por si só já é um momento marcante, mas existe alguma cobertura que pra você é muito especial?

MW - A cobertura da Copa da Alemanha, a melhor seria a da África do Sul, mas eu acho que a marcante foi a da Ale-

manha. Como eu queria muito ir para a Alemanha, era um sonho, eu já tinha estudado alemão. Inclusive ir para lá, quem sabe estudar alemão lá, e ir trabalhar pela emissora de rádio foi bem interessante, é uma coisa muito marcante. É muito sonho sendo realizado ali, né? Mas se você perguntar qual é a melhor, a África do Sul tem uma coisa que é muito encantadora, eu quero voltar ainda para passear com mais tempo. Porque eu acho que tem uma coisa muito próxima do brasileiro mesmo. Nós somos descendentes deles, então assim eu tenho muito carinho, as pessoas são muito abertas, muito queridas, sentia que estava no Brasil.

EC - Tendo acompanhado algumas copas, provavelmente deve ter muitas histórias engraçadas, pode contar alguma?

MW - Na Copa da Rússia aconteceu uma coisa engraçada, o Pedro Canísio embarcou comigo nessa empreitada, alugamos um apartamento, e eu disse que pra gente economizar, eu cozinhava pra gente almoçar em casa, já que as gravações eram todas à tarde porque os jogos também eram. Chegou um momento que cansamos de comer em casa, então compramos um balde de franguinho do KFC, e ficamos indo para todos os lugares da Praça Vermelha com esse balde. Quando começamos a gravar, colocamos num canto e esquecemos ele lá, depois quando lembramos, voltamos pra buscar e não estava mais lá. Morremos de rir e não jantamos o frango, mas foi muito engraçado.

Copa do Mundo da Alemanha



Foto: Reprodução Pessoal



Copa do Mundo de Catar, em 2022

O PARAIBANO É DELAS

Fazendo com que mulheres ganhem cada vez mais espaço no esportivo, em 2023, a equipe de transmissão do Jornal da Paraíba para cobertura do Campeonato Paraibano contou com Izabel Rodrigues, Juliana Bandeira, Beatriz Freire e Dani Fachine

Por Alberta Figueirêdo

Foto: Jornal da Paraíba



Em ordem estão as jornalistas Beatriz Freire, Izabel Rodrigues, Dani Fachine e Juliana Bandeira

No país do futebol, as mulheres ainda estão no banco. A Rede Paraíba resolveu mudar esse cenário e no segundo tempo, escalou para a equipe de transmissão do Campeonato Paraibano 2023 as jornalistas Izabel Rodrigues e Beatriz Freire para as reportagens e Dani Fachine e Juliana Bandeira como comentaristas.

Desafiando os obstáculos e antigos, embora recentes, preconceitos, elas hoje ocupam posições de destaque no âmbito esportivo paraibano. Izabel Rodrigues é provavelmente a mais experiente da equipe, começou no meio em 2011, no site Voz da Torcida, quando foi convidada para integrar o projeto. Por ser

torcedora do Nacional de Patos, iria escrever também sobre os times do sertão paraibano. Juliana Bandeira também trouxe consigo uma bagagem de peso, passou por redações de imprensa e é ex-produtora e comentarista da TV Correio. Beatriz Freire é repórter de esportes da TV Cabo Branco, já foi repórter da TV Belo e do Nordeste FC. E Dani Fachine, que construiu carreira fora do jornalismo esportivo mas sempre de olho em esportes, foi comentarista na final do Campeonato Paraibano feminino de 2022, entre VF4 e Mixto-PB.

Beatriz Freire sempre quis ser jornalista, tinha afinidade com o esportivo, mas sua meta era ser jornalista. Seu pai tem uma produto-

ra de vídeo, e foi com ele que aprendeu a se portar na frente e atrás das câmeras, e aos 15, antes da graduação, já estava fazendo sua primeira matéria. Juliana conta que sempre teve fascínio pelo jornalismo e o direito, mas o jornalismo tinha algo a mais: "Eu muitas vezes via isso no jornalismo esportivo, uma junção de tudo isso, de capacidade de transformação. Quantas matérias com ótimas histórias do esporte demonstram o quanto o esporte pode ser transformador para uma comunidade". Dani Fachine escolheu o jornalismo porque gostava de escrever, não era sua primeira opção mas alguns professores a incentivaram e ela foi de forma despreziosa.

Já Izabel Rodrigues se formou em Rádio e TV, cobre o Paraibano há 13 anos, começou escrevendo, passou para web rádio, foi setorista do Campinense Clube e tv com o Jornal da Paraíba. Para ela, todo ano é uma emoção, pois sempre há algo novo nas equipes, então gera expectativas para saber como vai ser. "Mas a gente vê um campeonato muito forte e sou fã de carteirinha, não tem Champions League, Brasileirão Série A, eu gosto é do paraibano. Eu costumo dizer isso, que minha auto-estação é o Campeonato Paraibano", declarou à repórter. Juliana Bandeira também começou no esportivo quase na mesma época, em 2013, quando entrou no Núcleo Esportivo do Sistema Correio.

"Quando você chega todo mundo se sente ameaçado, acham que vai tomar espaço, tomar lugar mas é um pensamento muito pequeno porque tem espaço pra todo mundo é só fazer seu trabalho Direito"

IZABEL RODRIGUES - REPÓRTER

O início de toda jornalista que quer a área esportiva, é bastante parecido, as dificuldades são basicamente as mesmas, só mudam a época. É comum ver nas redes sociais xingamentos a jornalistas esportivas, por parte de torcedores. Embora seja um meio cruel, elas também sofrem essas agressões por colegas de trabalho. Juliana conta um episódio que aconteceu logo no início da carreira "Eu ouvi, literalmente, do meu então editor, era o editor do Caderno de Esportes do Jornal Correio da Paraíba, ele me disse com todas as letras que

eu não sabia escrever sobre futebol e deixasse isso pra lá, porque quem iria escrever eram os jornalistas homens". Do mesmo modo Izabel, quando iniciou em 2011, ela passou por diversas fases "se você para pra olhar esportivo no rádio, não só na Paraíba mas no Brasil inteiro é um pessoal muito antigo, mais velho...Nós (Voz da Torcida) éramos os meninos querendo entrar com uma galera mais experiente". Para ela, essa barreira era ainda maior por ser a única mulher, então já teve que ouvir piadinhas e na beira do gramado, colegas irem fazer perguntas bestas e óbvias para ter certeza que ela entendia mesmo. Mas ela entende os desafios da profissão, e na pouca experiência que tem,

Dani construiu carreira fora do esportivo e mesmo sendo parte do time do Paraibano, não se considera jornalista esportiva: "Posso dizer que eu faço jornalismo esportivo como comentarista de futebol às vezes... Isso não é a maior parte da minha carreira, eu não faço parte da equipe do esporte". Quando fez sua estreia na final do campeonato feminino, ela ainda tinha dúvidas de como seria aceita, pois um dos maiores desafios é ser mulher dentro de um meio extremamente machista. "Meu maior medo era falar alguma besteira e se você perguntar a algum homem, ele não tem esse receio, ele não tem esse medo porque isso não paira sobre ele, a dúvida não paira sobre ele, mas paira sobre as mulheres", declara.

Foto: Jornal da Paraíba



Rede Paraíba investido no jornalismo esportivo

Enfrentando os desafios

As jornalistas preparam seu psicológico para as possíveis agressões que possam sofrer. Beatriz já sofreu ataques por parte de torcida, mas seguiu em frente e fingiu que não era com ela: “Eu preparo o meu psicológico blindando ele, sabendo primeiramente quem eu sou, porque se eu quem eu sou, então eu não sou os ataques que estão me referindo, os palavrões e xingamento”, afirma. Ela acredita que a maioria não tem coragem de falar cara a cara, embora haja exceções.

Izabel já desistiu do jornalismo esportivo em 2016, em uma época que ela estava desacreditada, pois só ouvia promessas e elogios ao seu profissionalismo, mas nunca uma oportunidade. “Foi uma fase que entrei em depressão por causa disso, trabalhava bem, eu recebia elogios, mas ninguém me dava oportunidade e eu desisti totalmente da comunicação na época”, desabafa. Durante um tempo ainda cursou medicina veterinária, não concluiu o curso, mas logo depois surgiu a oportunidade de trabalhar na Rede Paraíba. Do mesmo modo, Juliana deu uma pausa no esportivo devido a pressão. Agora, as duas preparam suas estreias como narradoras do Paraibano em 2024, recebendo todo o apoio

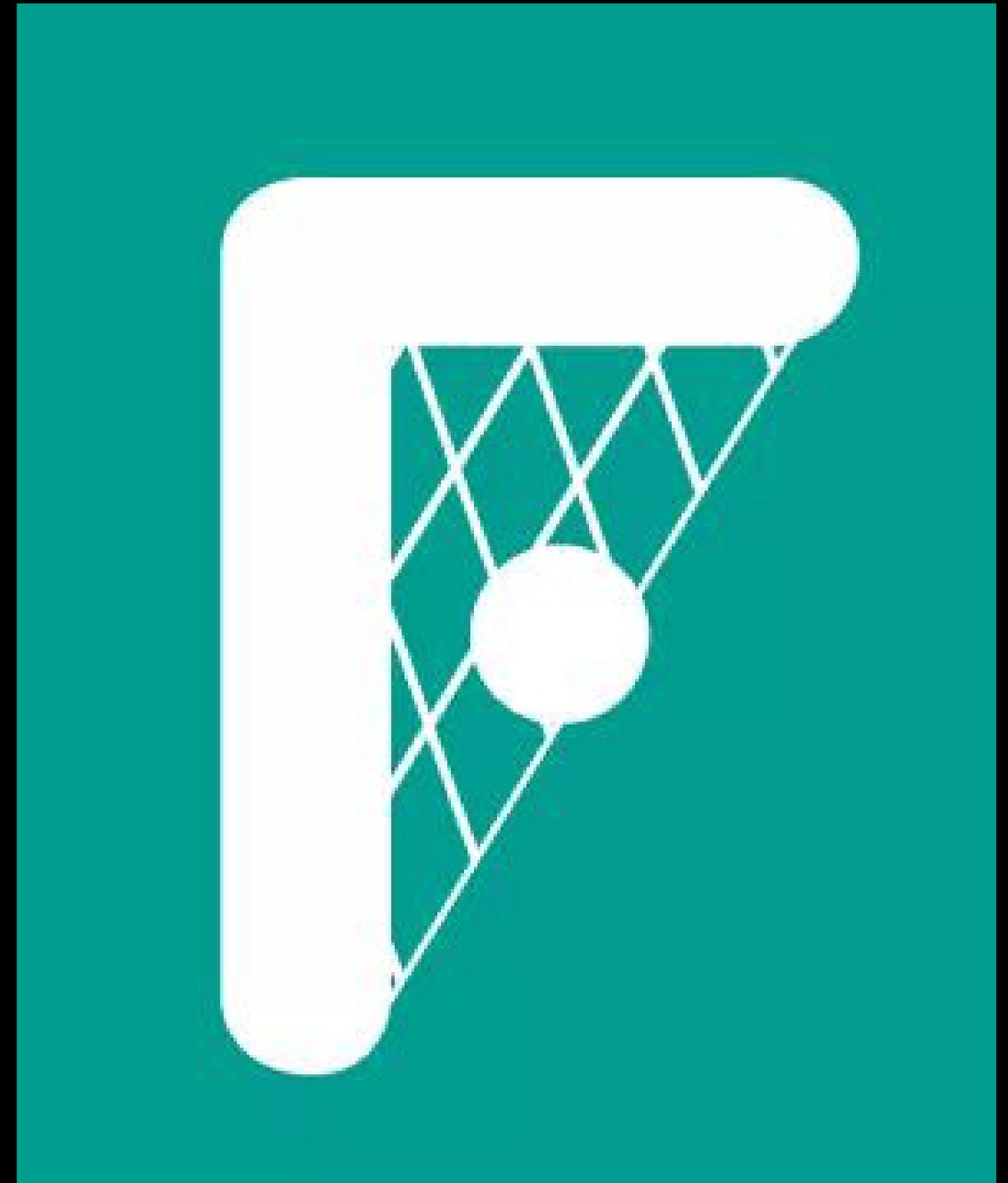
e preparo da Rede Paraíba. Izabel fez sua estreia na Copa Campina Grande, no jogo entre São Domingos do Monte Castelo e Estrela de Santa Rosa, ela comenta que por ter um nicho específico, não teve muita recepção do público, mas que a prova será em 2024.

Elas fazem história e estão sendo pioneiras na Paraíba, levando o legado e seu fazendo seu próprio, para mostrar que sim, podem e devem ocupar qualquer espaço. E Juliana deixa um recado: “Não desista, persista. Procure espaços e respeite as que tiveram antes. Proteja que estão agora e lute pelas que vem depois”.

“Acredito que é impossível você passar pelo jornalismo esportivo e não e não viver o machismo”

DANI FECHINE - COMENTARISTA

Foto: Jornal da Paraíba



Portal de notícias sobre futebol feminino no Brasil e no mundo

**LINK DO SITE
25**



Seguindo com o sonho do esportivo

“Encontrar outras mulheres nas coberturas, é um alívio, dá um conforto”

Por Raiza Mota

Vitória Felix Soares é jornalista e repórter da rádio Band-News FM Manaíra e do site Fut das Minas. Recém formada na Universidade Federal da Paraíba, começou seu estágio na TV UFPB se tornando responsável pelas produções e reportagens dos programas jornalísticos “Jornal Universidade” e “UFPB Acontece”, depois continuou com o estágio na rádio CBN João Pessoa que pertence à Rede Paraíba de Comunicação, produzindo materiais para os programas CBN João Pessoa e CBN Cotidiano, tendo sua participação também ligada ao CBN Esporte Clube. Além disso, Vitória desenvolveu atividades em outras plataformas como produtora de podcast responsável pelos programas esportivos “Em Campo” e “Escalando Grid”.

Elas em campo- Como o jornalismo esportivo surgiu para você?

Vitória Soares - Sempre gostei muito de

jornalismo, desde de pequena meus pais acompanhavam muito jornal no rádio, na tv, então sempre acabei acompanhando de certa forma e sempre me chamou atenção, e eu também sempre gostei muito de esportes, especialmente de futebol, principalmente por conta do corinthians, eu torço pro corinthians, então eu sempre acompanhei muito o corinthians, e deve um tempo também que eu fiz natação, eu queria ser atleta só que não deu muito certo, mas eu queria trabalhar no esporte, então eu vi que no jornalismo isso era possível. Eu poderia trabalhar conhecendo várias coisas, pessoas, culturas, e aprender com outras pessoas com o jornalismo e também com o futebol pelo jornalismo esportivo, aí eu vi que era possível e decidi principalmente durante a faculdade, me aprofundar mais nisso, de investir mais nisso, e tentar seguir essa carreira.

EC- E Como se deu a conexão da fórmula 1 com o Futebol, já que ambos são ramos diferentes?

VS - A fórmula 1 foi mais influência do meu pai, porque ele sempre gostou muito, então sempre assistia as corridas, e minha mãe também gostava muito, especialmente do Ayrton Senna, aí eu tive esse contato e fui tomando gosto aos poucos. Quando eu era

pequena gostava de assistir, só que quando fui crescendo, fui gostando mais, e fui pesquisando mais de F1. Vi que não era só os pilotos correndo nos circuitos, existem outras coisas também envolvidas, então fui pesquisando mais, lendo mais e acabei me apaixonando também. Mesmo sendo diferente do futebol, a F1 tem suas particularidades também que é bem legal para acompanhar.

EC- Durante sua jornada de formação, passando pelo estágio até seu cargo atual de repórter, você teve uma percepção de diferença na valorização do seu trabalho em referente aos seus colegas homens?

VS - Sim, no estágio na CBN, onde recebi minha primeira oportunidade de trabalhar com o esporte, tirando uma ou outra repórter que já veio trabalhar na CBN, a exemplo de Izabel Rodrigues como repórter setorista do campinense, se eu não me engano, eu fui depois a única que pude participar do programa CBN Esporte Clube. E aí você vê a diferença de como é você chegar em um ambiente novo, em que as mulheres ainda são minorias, de como é para conseguir lidar com isso, e saber lidar com quem você tá trabalhando, seja com atletas, jogadores e dirigentes, de mostrar que você tem potencial, que conhece sobre o futebol, que gosta e quer aprender mais sobre aquilo, então tem aquele desafio de mostrar que você é capaz, mesmo sendo uma mulher. De que é tranquilo você fazer isso, mostrar que é competente, e que gosta também de fazer aquilo.

EC- Vivendo dentro desse ambiente machista que é o mundo esportivo, você alguma vez já teve que ouvir alguma piadinha ou então invalidaram algum comentário seu?

VS - Piadas diretas até hoje não, mas tem algumas coisas que são meio imperceptíveis mas que depois você vê que faz sentido, por exemplo, às vezes você dá uma informação e aí um outro repórter fala a mesma coisa que você disse para confirmar, então fala dele se torna válida. Uma vez por outra quero trazer alguma informação importante mas o comentarista fica falando, falando, não abre espaço para eu trazer à informação, aí acaba sendo um espaço muito pequeno. Eu percebo que são atitudes automáticas, sabe, acabam acontecendo, que sendo por mal ou não, fica até difícil. Sou a única mulher da equipe

da rádio, e acho que até então não tinha trabalhado outra mulher, pra eles também tem sido uma coisa diferente, então às vezes nessa atitude assim de invalidar uma informação que você traz, não lhe dá tanto espaço para você falar algo que seria importante, essas coisas assim pequenas, acabam sendo essas atitudes que mesmo de forma inconsciente, é algo que incomoda.

EC- O podcast foi um trabalho que você desenvolveu com um amigo, mas como se deu sua entrada no Fut das Minas?

VS - No podcast a gente fala tanto sobre o futebol como também da Fórmula 1, que são duas coisas que gostamos muito, aí resolvemos fazer um programa de cada para falar sobre. No Fut das Minas cobrimos mais o futebol feminino, eu continuo até hoje principalmente no site, fazendo a cobertura de jogos e fazendo outras reportagens. Minha entrada se deu no período do auge da pandemia em 2020, sem saber o que fazer muito bem, a faculdade com as atividades meia pausadas, e tudo mais, e eu queria fazer alguma coisa para poder ocupar minha mente. Aí eu vi no instagram um anúncio que o Fut das Minas estava selecionando voluntárias para colaborar no projeto, eu decidi arriscar, tentar, então fiz a seleção e acabou dando certo. Tem sido bem legal trabalhar com o futebol feminino, conhecer novas pessoas, tem sido muito bom profissionalmente e pessoalmente também, tenho aprendido muita coisa.

EC- Você sente falta de outros olhares e vozes femininas no jornalismo esportivo aqui na Paraíba?

VS - Sim, pelo menos assim antes quando eu estudava, e não tinha muito contato com o jornalismo esportivo era mais superficial, eu via pouquíssimas mulheres, acho que a única que eu conhecia de fato assim era Izabel Rodrigues, que já tinha trabalhado no jornalismo esportivo e tinha dado uma pausa e agora ela voltou. Agora eu tenho visto que tem outras mulheres que trabalham aqui na Paraíba no jornalismo esportivo, só que ao mesmo tempo é um número pequeno ainda comparado ao que a gente pode ter, principalmente de mulheres que gostam muito de futebol, de esportes, que tenham um desejo de trabalhar nesse ramo e também não só a representatividade de mulheres né, mas também mulheres negras, trans, indígenas, que a gente sabe da diversidade que a gente tem, então acho que falta um pouco dessa diversidade.

Mulheres no esportivo: parte ou à parte?

O que antes era um ambiente predominante masculino, agora tem sido, embora que a pequenos passos, para as mulheres também

Por Alberta Figueirêdo

Dizem que já se foi a época da escassez feminina no esporte. Agora as mulheres cada vez mais ocupam um espaço que também é seu. Porém, da mesma forma que o número de mulheres atuando no meio esportivo aumenta, o número de agressões cresce de forma gradativa. Em pesquisa feita pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - Abraji, em parceria com o Google News Initiative, revelou que 84% das jornalistas já sofreram algum tipo de violência psicológica, sendo das mais variadas como humilhação em público, insultos e ameaças pela internet e abuso de poder. Enquanto 73% das entrevistadas relatam que já escutaram piadas e falas de natureza sexual sobre mulheres no seu local de trabalho.

Na Paraíba, o cenário é ainda preocupante, embora o número de jornalistas esportivas tenha aumentado, ainda é possível contar nos dedos quantas mulheres atuam nas TVs e rádios. São várias as causas, o machismo do meio esportivo talvez seja o principal, mas os torcedores e a população não consomem o jornalismo esportivo feito por mulheres.

Igor Pereira, 25, é torcedor fiel do Campinense Clube, acompanha além do futebol e basquete, esportes já consolidados em Campina Grande, e o futebol americano. Para ele, esse meio no estado deixa a desejar: "acho que o jornalismo esportivo em nosso estado seja algo bem complicado para ambos os sexos, faltam oportunidades e um certo profissionalismo". Beatriz Oliveira, 23, compartilha de opinião parecida, existe uma desvalorização nesse meio: "não vejo como um segmento que tem investimentos de mesma qualidade. Mas as mulheres estão começando a ganhar espaço".



Helena Gomes, Elisa Marinho, Ana Flávia Nobrega e Romana Ramalho na primeira transmissão 100% feminina de futebol na rádio paraibana

"Essas pioneiras estão abrindo portas para novos talentos que estão vindo. Repetindo: as universidades estão cheias de meninas e mulheres, loucas para mostrar serviço e por uma oportunidade"

JONATAS VENÂNCIO - ESTUDANTE DE JORNALISMO

O jornalismo esportivo é um ambiente dominado por homens, isso fica claro ao ver programas esportivos. Isso torna até mais complicado para as jornalistas terem espaço, pois há um costume enraizado, as pessoas estão acostumadas a não terem a presença de mulheres nesses espaços de comentarista, narrador e só levam em conta a opinião masculina. Igor acredita que homens possuem um jeito melhor de tratar sobre esportes: "acredito que os homens tenham uma facilidade maior e até mesmo mais interesse quando se trata de esportes em geral". Tamiris dos Santos Constantino, 28, é professora e não concorda, todos podem falar sobre o assunto, se estudar sobre: "não. Mulheres são perfeitamente capazes de falar e analisar esportes em geral".

Do mesmo modo avalia Beatriz: "eles são mais ouvidos por ainda possuir o estigma de serem insuperáveis nos esportes, mas facilidade qualquer pessoa que procurar entender melhor algum esporte, consegue falar muito bem sobre o assunto". Jonatas Venâncio estudante de jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, atualmente trabalha para a rádio Caturité FM, e concorda com as afirmações das entrevistadas, para ele é necessário buscar aprender todos os dias: "falar sobre esportes é pra qualquer um que se interesse, estude, pesquise, busque conhecimentos. Não falo somente de Futebol, mas de esportes em geral. Acredito que, todos, assim como eu um dia me interessei e quis me aprofundar, podem fazer o mesmo. Não que eu saiba muito, mas procuro aprender mais todos os dias.", explica Jonatas.

É interessante ressaltar que as mulheres estão cada vez mais ganhando espaço, mas para isso acontecer de forma definitiva, a sociedade precisa consumir mais e mais conteúdos feito por mulheres do meio esportivo. Porque elas não estão ali para cumprir cotas, mas sim por seu profissionalismo e amor pela profissão. Jonatas ainda comenta que durante as coberturas esportivas que já participou, a grande maioria é homem. "Tive a honra de presenciar mulheres trabalhando na mesma cobertura: Elisa Marinho (Rádio Tabajara), Ana Flávia Nobrega, Beatriz Freire (Rede Paraíba), Davylla Hellen (Assessora do Iguatu - CE) e Izabel Rodrigues (Rede Paraíba). Mas, comparado ao número de homens, é uma proporção ainda desigual", explica.

Igor não acompanha nenhuma jornalista esportiva, mas afirma que na Paraíba esse meio é complicado e completa: "acompanhando o futebol de nosso estado, as mulheres que já vi passando por aqui sempre

foram muito elogiadas por torcedores.". Tamires não acompanha o cenário do esportivo paraibano mas cita algumas profissionais a nível nacional como Fernanda Gentil, Carol Barcellos; Luana Trindade, Julie Santos e Júlia Corson (repórteres do canal oficial do YouTube do Flamengo); Glenda Kozlowski e Renata Fan. Já Beatriz admira algumas, mas não gosta de ficar presa a uma só fonte.

Ambas as entrevistadas tem algo comum, já precisaram provar que gostavam e entendiam de esportes. Ana Beatriz ainda diz em tom de desabafo: "A pergunta deveria ser se em algum momento não precisou se explicar da razão de acompanhar um esporte entendido como masculino, ou se realmente era hetero por saber tanto de futebol", e completa "O universo esportivo é empoderado por homens e parte das mulheres o entendimento sobre maquiagem e moda. Ainda bem que o tempo muda pensamentos e não estamos designado e permanecer nesse viés".

Jonatas e Igor não precisaram explicar seus motivos de acompanhar o meio esportivo, mas acreditam que o cenário para elas vai melhorar: "já vem se desenhando um cenário mais abrangente quanto a mulheres no jornalismo esportivo, desde comentaristas até mesmo narradoras", afirma Igor. Tamires acredita que precisam de medidas melhores para mudar o cenário "Ainda há um longo caminho a percorrer. Ações mais efetivas precisam entrar em vigor; muito mais do que colocar o duas ou três comentaristas, narradoras e repórteres em destaque".

Mais que colocá-las nesses espaços, é preciso normalizar e acompanhar a mulher na mídia esportiva. É algo que se faz urgente, para elas serem parte da imprensa e não algo que precisa ser destacado, e como disse Beatriz "A esperança é a última que morre".

"Eles são mais ouvidos por ainda possuir o estigma de serem insuperáveis nos esportes, mas facilidade qualquer pessoa que procurar entender melhor algum esporte, consegue falar muito bem sobre o assunto"

BEATRIZ OLIVEIRA - OPERADORA DE CAIXA

PERSPECTIVA DE MUDANÇA

Você acredita que podemos esperar uma mudança positiva para o cenário do jornalismo esportivo para as mulheres?



ELISA MARINHO

Tenho. Tem meninas muito boas aqui na Paraíba que gostam e desejam trabalhar com esporte. Algumas portas já foram abertas, mas é óbvio que precisamos de muito mais. Mas minha esperança é que vai chegar um momento que não vai ser mais possível para os “chefes” que contratam ignorar essas mulheres, o talento delas vai se sobrepôr e eles vão precisar abrir essas portas.



ANA FLÁVIA

Eu acredito muito que a gente vai ter uma mudança de expectativa nesse cenário do jornalismo esportivo, por que tem muitas mulheres lutando para que isso aconteça, para que a gente seja respeitada e para que a gente tenha cada vez mais espaço.



GABRYELE MARTINS

É o caminho que tá sendo trilhado agora, não acho que vai ser tão rápido. Acredito que isso também vai passar muito pelo investimento na modalidade feminina, porque quando vai bem, a torcida começa a apoiar, é uma pena que seja dessa forma. Vai trazer mais uma mesma naturalidade para as pessoas dizerem *“Olha mulher pode jogar, ela também pode trabalhar fora do campo, ela pode ser jornalista”*.

JULIANA BANDEIRA

É um cenário de maior abertura, mas que precisamos olhar com cuidado, porque não podemos cair na falácia de que o jornalismo esportivo agora é das mulheres, principalmente aqui no nosso estado, porque não é. As empresas estão acordando para, é uma necessidade da sociedade e imposta pela sociedade.



WANESSA SOARES

Sim e ao mesmo tempo não. Aqui as coisas são totalmente diferentes, eu sinto que a gente ainda vai ter que lutar muito, pra chegar no respeito, porque por incrível que pareça falta respeito. O nordeste tem excelentes profissionais, principalmente nós mulheres, então a gente merece sim um reconhecimento.

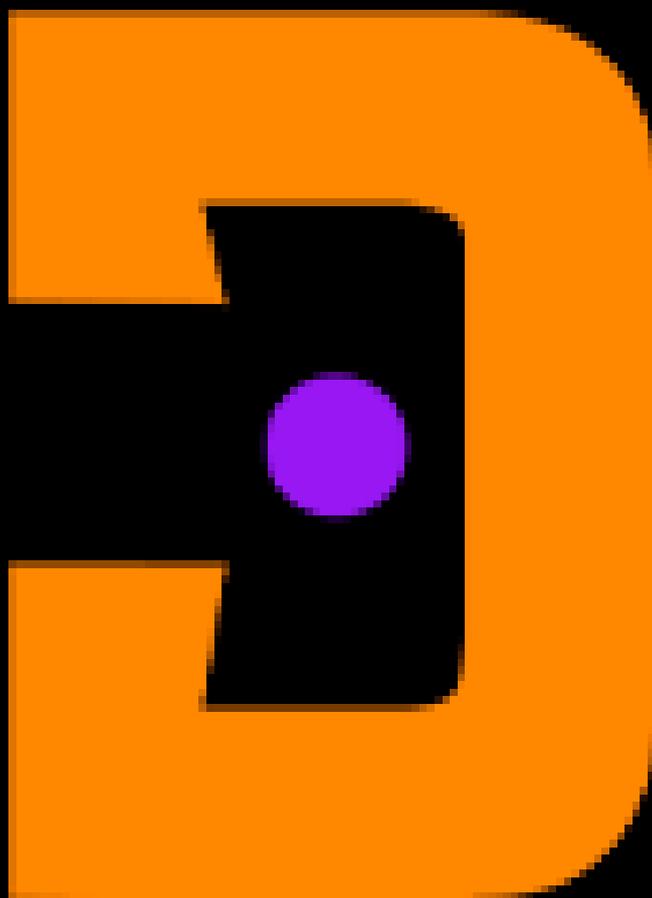


DANI FECHINE

Acho que na prática isso já está mudando, temos mais mulheres fazendo jornalismo esportivo, mas a mentalidade das pessoas que contratam ainda não mudou da forma que deveria mudar.



QUER UMA CURIOSIDADE?



DESPORTISTAS

CLIQUE E DESCUBRA